



“Filha, eu amo você. Muito obrigada”

O relato da Josiane

O dia a dia, antes da doença, era de grande amizade, amorosidade, cuidado e delicadeza. Mamãe era um ser de uma bondade incrível com todos: familiares, irmãos, sobrinhos e, principalmente, com os pais e os filhos.

Era uma pessoa extremamente inteligente. Fazia palavras cruzadas das mais difíceis, adorava ler e tinha uma capacidade criativa espetacular. Gostava de criar festas infantis, desenhar, pintar, recortar. Nós tínhamos um buffet de festas de casamento, aniversários de 15 anos e festas infantis. Bastava dizer o tema que ela assistia aos desenhos na televisão e criava toda a decoração.

Nunca, mesmo cansada, deixava de ler à noite. Lia, em média, de três a quatro livros por mês, participava de um clube do livro e, depois da leitura, fazia questão de doar os exemplares. Comentava cada obra com riqueza de detalhes. Gostava muito de Agatha Christie, de romances e de ficção. Tudo aquilo alimentava sua mente.

Mas, com a chegada da doença, tudo isso foi ficando para trás. Inclusive aquela mãe que nós conhecíamos.

No começo, nós não entendíamos o que estava acontecendo. Só quando a doença bate à porta é que tentamos compreendê-la. Mas, nessa hora, já estamos assustados com um processo totalmente novo, imposto às nossas vidas, sem possibilidade de escolha.

Fomos procurar quem entendia do assunto. Fizemos reuniões entre filhos, genros e netos para tentar compreender por que havia acontecido uma mudança tão radical. Ela ficou agressiva, e isso nos assustou profundamente. Já não era mais a pessoa que conhecíamos como mãe, sogra e avó.

Como a maior responsabilidade ficaria comigo e com minha irmã, tivemos de assumir as rédeas da situação sem grandes entendimentos. Aos poucos fomos descobrindo que a doença iria piorar e que, de fato, a família também adoece.

No início, a mamãe ficou comigo. Mas eu tinha marido, filhos e ela era fumante. Sofria de insônia, fumava no banheiro, na sala, na cozinha, no quarto, e o cheiro incomodava muito a minha pequena família.

Conversei com minha irmã, a Miriam. Como ela também fumava, disse: "Eu não tenho marido, meus filhos já não moram comigo. Então ela tem que morar comigo." E assim fizemos.

Ela foi morar com minha irmã, que vivia em um extremo de Campo Grande, enquanto eu morava no outro.

Começaram episódios muito difíceis. De madrugada, mamãe levantava para fazer café, deixava o gás aberto e não conseguia acender o fogo. Naquela época ainda não existia um tratamento que amenizasse a agressividade.

Ela não aceitava nenhuma negativa.

A Miriam, dizia: "Mãe, a senhora não pode ligar o gás sem acender o fogo"; "Mãe, não é hora de tomar café"; "Mãe, a senhora queimou o colchão"; "A senhora não pode fumar na cama".

Tudo isso a irritava profundamente.

Então ela pegava o que estivesse por perto — uma tesoura, uma faca — e corria atrás da minha irmã, gritando: "Eu vou te matar!"

Minha irmã, desesperada, se trancava no quarto e me ligava de madrugada: "Mana, a mamãe quer me matar. Vem aqui!"

Eu tinha a chave do portão. Dizia para ela continuar trancada que eu estava indo.

Quando chegava, perguntava: "Mãezinha, o que aconteceu?"

Ela respondia: "Eu vou matar essa menina. Ela não quer deixar eu fumar. Não quer deixar eu tomar café".

Então eu fazia um café, deixava que fumasse um cigarro, conversava com ela e a colocava novamente na cama.

Depois minha irmã saía do quarto, inchada de tanto chorar.

Não era mais a nossa mãe. Era outra pessoa.

Essa rotina se repetiu por muito tempo, desgastando profundamente nós duas.



Precisamos procurar um psiquiatra e fazer terapia. Mas a convivência diária nos consumia emocionalmente.

Foi então que minha sobrinha e meus filhos começaram a pesquisar alternativas. Concluíram que seria melhor colocá-la em uma pousada particular para idosos.

Minha irmã recusou imediatamente a ideia.

Meu marido, então, se propôs a assumir a despesa. Disse que era melhor pagar do que ver três ou quatro pessoas adoecerem: nossa mãe, as duas filhas e até alguns netos que já sofriam com tudo aquilo. Graças a Deus, tivemos condições financeiras.

Como minha irmã não estava aceitando essa saída, precisei conversar com ela, de irmã para irmã. Ela, então, me questionou: “Como você pode querer colocar nossa mãe num asilo?”

Eu respondi: “Não é um asilo. É uma casa particular, com profissionais especializados em cuidar de pessoas com Alzheimer”.

Conversei muito com ela. Disse que precisávamos olhar a situação também de forma racional.

Falei: “Miriam, quando nossa mãe tinha a nossa idade, ela estava vivendo a vida dela, criando os filhos, tomando decisões, aproveitando sua família. Nós também temos o direito de viver com nossos filhos e netos, preservando nossa saúde mental. Se continuarmos assim, nós também vamos adoecer”.

Aos poucos ela compreendeu.

Na pousada encontramos pessoas extraordinárias. A dona do lugar tinha verdadeiro dom para cuidar de idosos. Como mamãe ainda pintava muito bem, montaram um ateliê só para ela.

Um neurologista havia me explicado que as pessoas com quem ela tinha maior vínculo afetivo permaneceriam por mais tempo em sua memória. Também permaneceriam as atividades que ela realmente amava. Foi exatamente o que aconteceu: ela continuou pintando.

Minha mãe também gostava muito de doces, de algumas comidas salgadas particulares, mas, realmente, a última coisa que ela esqueceu foi do cigarro e do café. Mesmo com a doença bastante avançada, ela dizia: “Eu quero meu café. Eu quero meu cigarro. Minha filha traz tudo para mim e vocês não querem me dar”.

A gente criou um jeitinho, na pousada, de enganá-la. A gente ou alguém da equipe da pousada respondia quando ela pedia cigarro e café: “Já estamos fazendo um cafezinho novo e buscando seu cigarrinho”.

Ficávamos esperando um tempo e, depois de alguns minutos, ela esquecia.





Mais tarde perguntava novamente.

Às vezes, não tinha jeito, ela recebia o cafezinho e fumava.

Certa vez, a dona da pousada teve a ideia de pedir que mamãe ensinasse pintura aos outros idosos. Ela passava horas pintando, feliz.

Mas cada idoso tinha seu próprio ritmo. Mamãe, muito perfeccionista, não suportava ver os borrões das primeiras tentativas e dizia que não podia ensinar daquela maneira. Aquilo começou a irritá-la. Para preservar o bem-estar de todos, decidiram encerrar essa atividade.

A doença continuou avançando.

A mudança que mais me chocou foi o olhar vazio, distante. Ela ficava olhando para o horizonte com uma tristeza profunda, sem enxergar nada.

Depois começou a esquecer minha irmã e os netos. Sabia que conhecia aquelas pessoas, mas já não lembrava seus nomes.

Recebia todos dizendo apenas: “Oi, minha querida; oi, meu querido”.

Mesmo sem lembrar quem eram, continuava tratando todos com carinho.

A agressividade, por algum tempo, desapareceu. A memória, porém, estava completamente comprometida. Ela perguntava pelos pais: “Minha mãe e meu pai não têm vindo me ver”.

Eu respondia: “Eles estão viajando”.

Perguntava pelo meu irmão Aroldinho, que já havia falecido.

“Faz tempo que o Aroldinho não vem me ver. Manda ele vir aqui hoje”.

Eu dizia: “Ele está trabalhando. Precisa trabalhar, né, mãe?”

“Ah sim, mas quando ele chegar você pede para ele vir”.

Também perguntava pelos irmãos: “Será que eles não gostam mais de mim?”

Eu respondia: “Eles vieram semana passada. Você esqueceu. Tomamos café com bolo”

Então, ela dizia: “Ah... é mesmo”

Um dia perguntou: “Cadê a minha mãe? Ela estava aqui agora”.

Minha irmã respondeu, com toda sinceridade: “A vovó já morreu, mãe”.

Ela perguntou: “Morreu!? Mas quando?”

E chorou desesperadamente como se estivesse recebendo aquela notícia pela primeira vez.

Foi aí que compreendi que, muitas vezes, quem sofre mais é a família. Quem está com Alzheimer vive outra realidade.



Na pousada havia cerca de vinte idosos. Cada aniversário era comemorado. Carnaval, Natal, Dia das Crianças, amigo oculto, tudo era celebrado. Os familiares participavam.

Mamãe, que sempre foi festeira, adorava essas comemorações. Gostava dos doces, do ateliê, do café, do cigarro, do espaço que era só dela.

Às vezes dizia: “Eu quero ir para minha casa”.

Eu respondia: “Aqui é sua casa”.

Ela retrucava: “Mas tem pessoas que eu não conheço”.

E eu dizia: “A casa também é delas. Todos vocês são idosos e convivem juntos”.

Todos eram tratados com respeito. As refeições eram preparadas conforme o gosto de cada um.

Quando mamãe partiu, eu nunca senti remorso. Aprendi que os ciclos da vida precisam ser respeitados. Também aprendi que cuidar de quem cuida é indispensável.

Dizem que a felicidade é ter a consciência tranquila. Acredito que dei o melhor de mim.

Uma prima minha cuidou sozinha da mãe com Alzheimer durante muitos anos. Em seguida que a mãe morreu, ela também partiu, porque teve muitos anos de estresse.

O Alzheimer é diferente de outras demências porque ocorre uma diminuição do cérebro. À medida que isso acontece, as funções do corpo também vão diminuindo e se atrofiando. É impressionante a resistência do corpo humano. Enquanto recebe alimentação, ele continua funcionando, até que, um dia, tudo para.

No dia 11 de junho do ano passado, na Santa Casa, às sete horas da noite, fui me despedir da minha mãe para ir para casa. Disse: “Mãezinha, vou dar uma descansada e amanhã cedo eu volto”.

Ela me chamou com a mão. Falava baixinho, já estava muito cansada. Cheguei perto para ouvi-la. Ela disse ao meu ouvido: “Josi, filha amada, eu amo você. Muito obrigada.”

Naquela mesma noite, às 23h40, ela partiu.

